



“A FACULDADE DO SEXO”¹ O culto à performance sexual na Erótika Fair 2016

Camila BOARINI²

Paola MAZZILLI³

Escola Superior de Propaganda e Marketing

Resumo

Esse artigo busca refletir sobre o corpo e o culto à performance sexual no contexto da sociedade de consumo. Tomando como ponto de partida o evento “Erótika Fair 2016”, iremos analisar de que maneira a questão da sexualidade tornou-se alvo de investimento econômico e afetivo dos sujeitos, atentando-se especificamente ao estande da empresa “safada.tv”. Nela eram oferecidos cursos, denominados de *workshops* da “Faculdade do sexo”, com o propósito de incentivar seus participantes a experimentarem “novos prazeres” a partir do “conhecimento” sobre o próprio corpo. A partir de conceitos como o de normalização e otimização dos corpos, “self-empendedorismo” e culto a visibilidade, iremos propor possíveis articulações entre essa oferta de cursos e autores como Foucault, Rose, Sibília e Freire Filho. Para a elaboração desse trabalho, também foi realizada uma pesquisa de campo com inspiração etnográfica na feira “Erótika Fair 2016”.

Palavras-chave: corpo, sexualidade, *self-empendedor*, Erótika Fair, Faculdade do sexo.

Quando pensamos no corpo, tendemos a compreendê-lo por meio de seu aspecto físico e pela ótica biológica. No entanto, segundo Hoff e Camargo (2002), ele deve ser

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho COMUNICAÇÃO E CONSUMO: cultura empreendedora e espaço biográfico, do 2º Encontro de GTs de Graduação - Comunicon, realizado dia 14 de outubro de 2016.

² Graduanda do curso de Comunicação Social com habilitação em Propaganda e Marketing da Escola Superior de Propaganda e Marketing - São Paulo, e-mail: cami.boarini@gmail.com.

³ Doutoranda em Psicologia Clínica e em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professora do Curso de Comunicação Social da ESPM - São Paulo, e-mail: paola@espm.br.



visto para além da sua obviedade física. O corpo não foi criado pelo homem no seu aspecto natural, mas a maneira de interpretá-lo e percebê-lo são criações humanas que se constroem na cultura. Desse modo, seria impossível pensar em uma ideia universal de corpo, fora das redes de sentido que delineiam seus contornos.

Assim, temos muitas visões de corpo que diferem entre si de acordo com o tempo e espaço em que são elaboradas. De fato, “cada sociedade constrói uma visão de corpo, que representa os seus valores, e que parece estar em constante choque com o biológico: o que nos mostra o quanto o Homem em estado de cultura está distante do seu estado de natureza”. (HOFF;CAMARGO, 2002, p.11)

Sendo assim, para qualquer debate a respeito das relações entre corpo e sexualidade, é necessário um olhar atendo o cenário atual, flagrado neste artigo como sendo significativamente marcado pelas lógicas de uma sociedade do consumo.

De fato, ao corpo recai hoje uma série de significados próprios do universo empresarial. Um verdadeiro arsenal de produtos e serviços, cujo propósito é viabilizar a administração de normas, metas e políticas de otimização. Tal gestão, para além da ideia de “aperfeiçoamento” da imagem pessoal, atua também no campo afetivo, investindo no corpo como fonte inesgotável de prazer.

Para ilustrarmos estas questões iremos analisar a “Erótika Fair 2016”, que é a maior feira erótica da América Latina e a quarta maior do mundo.⁴ A feira acaba de sediar sua 23ª edição, que ocorreu nos dias 1,2 e 3 de abril de 2016.

A feira foi organizada nos três andares do espaço Pró-Magno⁵ e contava com diversas atrações e espaços assinados por marcas. Nesse artigo iremos nos aprofundar no

⁴ Informações proporcionadas pelos organizadores da feira.

⁵ Rua Samaritá, 230 - Casa Verde, São Paulo



estande da “safada.tv”, que oferecia uma série de “*workshops* eróticos”. Estes foram apresentados, pelo próprio estande, como a “faculdade do sexo”.

Consideramos interessante analisar a “faculdade do sexo”, uma vez que esses cursos tão bem ilustram preceitos da sociedade de consumo que se organizam em torno das práticas e cuidados do corpo, busca pela performance e prazer.

(I) UM OLHAR SOB A DOCILIZAÇÃO DOS CORPOS E SUAS SEXUALIDADES NORMATIVAS

Sexualidade, segundo o dicionário online Michaelis⁶, tem cinco definições: **1** Qualidade de sexual. **2** Conjunto de todos os caracteres morfológicos e fisiológicos, externos ou internos, que os indivíduos apresentam, conforme o sexo a que pertencem. **3** Condição de ter sexo. **4** Exaltação ou recrudescimento do instinto sexual. **5** Expressão do instinto sexual; atividade sexual.

Podemos ver, portanto, que a sexualidade em sua definição está muito relacionada à questão de sexo, tanto ao ato sexual como ao sexo “biológico”. De acordo com Foucault (1998), o uso da palavra “sexualidade” foi estabelecido em relação a outros termos e surgiu tardiamente. A partir da genealogia realizada por Foucault (2014), em seu livro “A História da Sexualidade 1” é possível analisar como o corpo e a sexualidade dos indivíduos se constitui ao longo das sociedades e estiveram, para além da questão eminentemente biológica, vinculadas a práticas discursivas do saber e poder.

⁶ Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=sexualidade>. Acesso em 14/05/2016.



A alimentação e dieta para os gregos, por exemplo, era mais importante do que o sexo, uma vez que a valorização do “eu” estava relacionada a valores estéticos. Na Idade Média, por outro lado, já é possível se observar a valorização e disseminação do discurso do sexo por meio das confissões, que para serem consideradas completas deveriam contar com um relato sobre o sexo e o momento do prazer. Posteriormente, na história do ocidente, Foucault (2014) evidencia que a sexualidade foi se desprendendo do prazer e permeando temáticas como a medicina, psicologia e economia.

Assim, passa a existir um cientificismo que não mais condena e julga a moralidade por trás das práticas sexuais, mas que produz um discurso técnico para abordar tais questões.

De acordo com sua perspectiva, “o sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame”. (FOUCAULT, 2009, p.164)

Aqui, é interessante nos atentarmos à sanção normalizadora, por meio da explicação de Paula Sibilia (2016) no artigo "O corpo como máquina: da normalização à otimização". Segundo a autora, antes, o intuito das instituições e dos poderes vigentes era normalizar os indivíduos por meio de técnicas ardilosas e lentas, que manipulavam de maneira cruel os corpos. As matérias orgânicas eram “modeladas ou ‘corrigidas’ de fora para dentro”, tecnologias "rudimentares" eram utilizadas para normalizar corpos docilizados.

A sociedade industrial, portanto, instalou, por meio do conhecimento científico, novos mecanismos de poder e saber que incidiam sobre os indivíduos e seus corpos, a fim de extrair deles um maior rendimento. Segundo Sibilia (2015) no livro "O homem pós orgânico", o intuito das sociedades normalizadoras na era industrial era gerar corpos submissos e produtivos, dispostos a empenharem suas funções, seja na fábrica ou nas



escolas. O intuito é que suas potências políticas fossem sufocadas, apesar da contínua existência da capacidade de oposição dos trabalhadores.

Temos no cotidiano, porém, um cenário contemporâneo bem distinto e, portanto, podemos concluir que se constroem novos modelos de subjetividades. Com base nos estudos da autora analisando Deleuze, vê-se uma transição do produtor disciplinado em um consumidor controlado, o sujeito empresarial.

(II) O “*SELF* EMPREENDEDOR” E O CULTO À PERFORMANCE SEXUAL NA SOCIEDADE DE CONSUMO

A contemporaneidade é caracterizada por uma lógica de consumo. Bauman (2008) contrapõe essa sociedade de consumidores à uma sociedade de produtores, que segundo o autor representa a modernidade. Ele ilustra a diferença entre essas duas sociedades por meio do conceito de solidez e liquidez.

Na modernidade, valorizava-se a solidez que poderia ser verificada na lógica da época: os pertences eram acumulados e tinham seu valor à medida que passavam de uma geração a outra. No mercado de trabalho, as fábricas imperavam uma lógica de produção e ocorria uma compra e venda da força de trabalho. Essa sociedade era orientada para uma segurança a longo prazo.

De acordo com o autor, todavia, na sociedade capitalista contemporânea há um ruptura de tal pensamento, o ambiente líquido-moderno não condiz mais com noções pautadas a longo prazo. A liquidez simboliza uma fluidez e instabilidade, que podem ser observadas em uma sociedade “agorista”. Observa-se a obsolescência programada das mercadorias, que é enaltecida por práticas consumistas que também são assimiladas pelos indivíduos em suas relações afetivas.

Vale notar que dentro da sociedade de consumo, a partir da década de 1970, temos o desenvolvimento do neoliberalismo, segundo Francisco José Soares Teixeira em seu



artigo “O neoliberalismo em debate”. Essa doutrina nasceu após a Segunda Guerra Mundial em oposição teórica e política ao modelo vigente centrado na intervenção do Estado, que predominou o sistema capitalista de produção.

Segundo Teixeira (1996), o neoliberalismo condena a limitação do mercado por parte do Estado e enfatiza que o mercado é a única instituição capaz de reger a sociedade e os problemas sociais, sejam eles políticos ou econômicos. No modelo neoliberal, o Estado não deve ser mais responsável por regular a economia e deve se manter o menos assistencialista possível. Essa lógica neoliberal se amplia para além da economia e, uma vez que o Estado não é mais unânime, os indivíduos se tornam mais autônomos e uma maior responsabilidade recai sobre eles.

É a partir do neoliberalismo que a lógica empresarial transpassa, definitivamente, para os indivíduos e as relações humanas. Atributos como a competitividade e concorrência pertencentes às corporações se tornam características dos membros neoliberais. Os indivíduos são estimulados desde cedo a se conceberem como administradores autônomos.

A partir dessa ótica, temos a valorização da performance individual, ou seja, a busca por uma excelência no pensar e no agir. “O desejo de ser mais – desafiando e superando, sem trégua os próprios limites – cativa o imaginário contemporâneo, mobilizando energias psíquicas, anseios narcísicos de reconhecimento e fantasias de onipotência”. (FREIRE FILHO, 2011, p.37)

Ainda segundo o autor, em um ambiente de competitividade, a performance é enaltecida como diferenciação social e vantagem competitiva. O desejo de ir além e se aprimorar rege o limite desse indivíduo contemporâneo. No imaginário desse sujeito, seu rendimento irá se aprimorar, se recorrer à dedicação e ao planejamento acurado, uma vez que, para ele, os esforços devem ser fomentados ao longo da vida e tonificados numa exercitação constante. (FREIRE FILHO, 2011)



Ainda debatendo essas questões em torno do neoliberalismo, é oportuno retomarmos a proposta teórica de Nikolas Rose (2011) que descreve em sua teoria novas formas de construções subjetivas que remetem a essa “gestão da própria vida”. Entre elas, o autor destaca uma espécie de “cultura empreendedora” em decorrência do “*self* empreendedor”. Este último se caracterizaria pelo sentimento de autonomia, liberdade e poder de escolha.

De acordo com Rose (2011), o *self* empreendedor se constituiu para além da década de 1980 e permeia os indivíduos contemporâneos. Dentro dessa concepção, os cidadãos não tenderiam a se definir mais como sujeitos com deveres e obrigações, mas sim sujeitos com direitos e liberdades.

O *self* empreendedor fará da sua vida um empreendimento, procurando maximizar seu próprio capital humano, projetando seu futuro e buscando se moldar a fim de se tornar aquilo que deseja ser. O *self* empreendedor é, portanto, um ser ativo quanto calculador, um *self* que calcula sobre si próprio e que age sobre si mesmo a fim de se aprimorar. O empreendedorismo, em outras palavras, designa uma forma de governo que é intrinsecamente ética: o bom governo deve ser baseado nas maneiras pelas quais as pessoas governam a si próprias. (ROSE, 2011, p.215)

O autor enaltece os indivíduos como empreendedores de si mesmo. Com a limitação sobre os poderes do Estado, há como consequência, uma série de programas e mecanismos desvinculados diretamente ao poder público que moldam práticas em diversas áreas e produzem valores como eficiência, saúde e bem-estar. Temos, portanto, um corpo “autogerível” que se contrapõe a um corpo docilizado.

Segundo Le Breton (2008), atualmente o corpo deixou de ser uma identidade de si para se tornar um “outro si mesmo”, passível e disponível à mudança. Dentro dessa ótica, a corporeidade seria a principal engrenagem de afirmação pessoal. Nas palavras do próprio autor: o “corpo é o suporte de geometria variável de uma identidade escolhida e sempre revogável, uma proclamação momentânea de si. Se não é possível mudar suas



condições de existência, pode-se pelo menos mudar o corpo de múltiplas maneiras”. (LE BRETON, 2008, p.28)

Ainda segundo Breton, o sujeito é o mestre-de-obras que decide a orientação de sua existência e não mais um sujeito imposto a identidades pré-existentes de cunho moral, religioso ou social. A partir disso é possível e esperado que o indivíduo contemporâneo faça as mudanças e tome as decisões necessárias para atingir o melhor desempenho.

Dessa maneira, o corpo torna-se uma “tela em branco” para o homem contemporâneo pintar sua identidade. A este última, está posto o convite para “conservar a forma, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou a fragilidade, manter sua ‘saúde potencial’”. (LE BRETON, 2008, p.30)

O corpo, portanto, emerge como um grande campo intervenção, sustentado por um *ethos* neoliberal que lhe confere o *status* de um investimento em aberto. Sobre ele é preciso agir, a fim de evitar perda de capacidade de rendimento.

Não podemos nos esquecer de que, nessa ótica, o corpo se torna uma “apresentação de si” (LE BRETON, 2008, p.30), e como tal, sugere para além de sua estética a habilidade de seu gestor. A sociedade de consumo, então, convida os indivíduos a construir sua identidade, oferecendo modelos para se seguir. Detalhados manuais para o “bom gestor” que apresentam o arsenal de produtos e serviços necessários para essas práticas de construção do corpo e de si.

O primeiro passo para esse projeto de otimização do corpo, entretanto, é a identificação da existência e importância do próprio manual, sem o qual não se pode ter uma equação de metas e recursos para alcançá-las.

A autenticidade, a autonomia e a autoestima são cultuadas com a mesma intensidade com que prolifera o descrédito em relação a metas e salvaguardas externas e superiores. Seja você mesmo! Confie em seu potencial!: eis as palavras de ordem que norteiam a vida do feliz empreendedor de si mesmo, resultado de uma síntese de elementos racionalistas e românticos em que a espontaneidade



emotiva se reconcilia com afirmações instrumentais do *self*. (FREIRE FILHO, 2010, p.3)

Segundo Sibilía (2008), na atual sociedade não é suficiente “ter” algo, ou mesmo ser. Para além disso, torna-se necessário “parecer ter” e “parecer ser”. Assim, o bom gestor é também aquele que “parece um bom gestor”.

Devemos pontuar que a sociedade de consumo é marcada por uma cultura de mídia que favorece a exibição. Com o avanço tecnológico e a exposição dos meios midiáticos, os indivíduos não só são responsáveis por construir suas identidades como também são responsáveis por escancará-las. O sujeito é convidado a exibir todos os aspectos de sua vida, incluindo sua intimidade, para assim ser reconhecido como um indivíduo de valor.

Na contemporaneidade, a identidade se desloca da moral religiosa, étnica, social e recai inteiramente no indivíduo, que tem a “liberdade” para ser quem quiser. Nesse novo cenário de construção de identidade, os indivíduos são responsabilizados por se “venderem” como a pessoa que querem ser e, por isso o corpo ganha mais relevância.

No tange especificamente a questão da sexualidade, temos também o corpo como alvo desse imperativo de performance, devendo corresponder aos apelos de como suficientemente satisfatório no campo da desejabilidade. Para tanto, os indivíduos devem se utilizar de todas as ferramentas que a sociedade de consumo disponibiliza, para obterem e demonstrarem o maior potencial sexual possível.

Muitos autores abordam essa nova visão da sexualidade que traz em si uma busca incessante pela performance. De fato, a sexualidade não é mais um assunto velado, nem mesmo está regida por poderes soberanos, tal qual exposto por Foucault. Agora, o sexo se torna objeto de autogestão e cabe a cada um buscar os meios necessários, seja na mídia, no saber dos especialistas, ou mesmo nos manuais de autoajuda, para atingir a satisfação sexual.



Falar publicamente de sexualidade e de desentendimento sexual a partir de agora é lícito. Mas também se propõe a todos um novo objetivo: o orgasmo, que como condição de boa saúde e de equilíbrio mental, torna-se obrigatório. [...] Introduziram uma nova normalização dos comportamentos pela imposição do bom desempenho sexual. (SOHN, 2011, p.126)

A sexualidade, portanto, torna-se elemento passível da lógica empresarial e, sendo assim, deve também ser encarada sob o prisma das responsabilidades individuais. Não empreender em um corpo capaz de investir ou ser investindo, no campo da sexualidade, é condenar-se a uma zona de exclusão, na qual todos aqueles que não conhecem os recursos necessários para expansão das sensibilidades, os segredos do prazer e o calculado orgasmo, claramente não alcançaram suas metas pessoais.

Nesse contexto, é compreensível a existência de uma feira erótica composta por uma vasta oferta de produtos e serviços, além de “manuais do sexo” como a “Erótika Fair”. Na sequência, iremos apresentar de forma mais detalhada este evento, tecendo articulações com os conceitos apresentados até então.

(III) A ERÓTIKA FAIR E OS ENSINAMENTOS DA “FACULDADE DO SEXO”

A Erótika Fair 2016 é um evento representativo do mercado erótico, uma vez que espera atrair 30 mil visitantes e cerca de 8 mil empresários do ramo. O evento é destinado para três públicos: jornalistas, empresários do ramo/lojistas dos estandes e consumidores/visitantes. Além da feira de produtos eróticos, o evento contou com diversas atrações para todos os públicos, além de diversas palestras e workshops.

A feira é extremamente relevante para o setor. Em 2015, segundo o comunicado oficial divulgado à imprensa pela própria feira, a Erótika Fair recebeu 18 mil visitantes e



movimentou R\$ 8 milhões em negócios.⁷ Para a edição de 2016, esta comunicação indicava uma expectativa de aproximadamente dobrar o número de visitantes e manter a movimentação.

A Erótika Fair também é representativa para se estudar questões referentes à sexualidade e ao corpo na sociedade de consumo, uma vez que expõem comportamentos dos indivíduos em ambientes que incitam o prazer e a sexualidade. É interessante analisar como a sociedade de consumo construiu uma feira inteira voltada para o prazer. Além disso, a feira nos dá indícios de como funciona, na prática, o mercado erótico e qual sua dimensão econômica.

Como dito no início deste artigo, a feira em 2016 foi composta por três andares: o terceiro destinado à praça de alimentação; o segundo destinado à experiências eróticas; e o primeiro que compunha a “feira em si”. O estande analisado nesse trabalho, ficava localizado no primeiro andar junto com as outras ofertas de produtos e serviços.

Primeiramente, um aspecto que deve ser observado sobre esse estande é a questão da visibilidade. O primeiro andar favorecia uma maior exposição, uma vez que era bem iluminado e os espaços dos estandes eram cercados por “vidros”. Isso permitia que as pessoas que estavam circulando pudessem ver o que ocorria até mesmo em lugares com “conteúdos restritos”, ou seja, acessíveis mediante pagamento, como é o caso do estande que iremos analisar.

Assinado pela marca “safada.tv”, este estande estava disponibilizando o que no evento foi denominado como “faculdade do sexo”. Basicamente, este espaço consistia em uma sala em que ocorriam *workshops* com cenas explícitas de sexo por aproximadamente 10 reais. Havia um cartaz com todos os cursos e horários disponíveis na entrada da sala.

⁷ A pesquisadora desse estudo entrou em contato com os organizadores do evento e recebeu credenciamento de imprensa para acessar todos os espaços da feira. O release foi distribuído por email à toda imprensa e, conseqüentemente à pesquisadora.



Para “garantir privacidade” e garantir a exclusividade daqueles que haviam pago pelo curso, foram colocados papéis A4 preto no vidro. Tal solução, apesar de possuir uma aparência de improvisado, acabou se tornando, em nossa análise, bastante eficiente enquanto estratégia mercadológica, já que acabava promovendo mistério e curiosidade entre os visitantes que passavam a tentar enxergar entre as frestas. Assim que os workshops se iniciavam, era possível ver um aglomerado de pessoas que tentavam “espiar” as cenas “restritas”, fortalecendo um sentimento de inacessibilidade e segredo.

As paredes de vidro desse estande em muito se assemelham “A casa de vidro”, descrita por Sibilía (2008) para caracterizar o culto à exposição, que teve origem na própria estrutura das casas burguesas e hoje se dissiparam nas vitrines midiáticas onde o *self* desempenha sua arte de criação de si. De fato, todos os estandes se enquadram nessa lógica de exposição, uma vez que este é o propósito de se estar em uma feira: expor-se. Divulgar-se.

Como dito anteriormente, as próprias folhas A4 que, teoricamente, serviriam como “paredes”, são colocadas de uma forma que convida os visitantes a observarem e “espiarem” o que acontece no íntimo da faculdade.

Os *workshops* da safada.tv eram extremamente diferentes de todas as palestras que a Erótika Fair oferecia. Apesar do nome “faculdade do sexo” nos remeter a um “ensino formal”, os *workshops* não se valiam de um discurso acadêmico, priorizando um saber “prático”, a partir de experiências que podiam envolver demonstrações de sexo explícito e orientações das práticas citadas.

Os *workshops* da “faculdade do sexo” evidenciam o poder-saber em torno do discurso do sexo, analisado por Foucault (2014). Por meio de especialistas escolhidos para “ministrarem” os cursos eróticos, observa-se, um cientificismo para abordar a sexualidade, característico da *scientia sexualis*. Sendo assim, observava-se um profissionalismo presente nos cursos.



Entre as “aulas” ofertadas, havia "Fisting" (uma prática sexual que consiste na inserção da mão, punho ou antebraço nas áreas genitais); "Verdades e mitos sobre o BDSM" (a tradução literal da sigla em inglês BDSM consiste em “Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo” – o universo BDSM é muito vasto e possui diversas práticas, porém basicamente consiste na relação entre poder e prazer); "Sexo oral em homens"; "Spank" (é uma das prática mais comuns de BDSM e consiste na aplicação de “castigos físicos” entre casais que possuem uma relação de dominação e submissão); "Pornô faça você mesmo" (“aula” que demonstra, na prática, técnicas para se gravar um filme pornô) e, por fim, a “aula” "HumanAnus", que ensinava os segredos do sexo anal. Como os títulos dos *workshops* demonstram, as “aulas” disponibilizadas pela safada.tv em nada se assemelhavam a uma faculdade tradicional. Talvez tirando o fato de que se recebia um certificado após cada curso realizado.



Imagem 1 – A “faculdade do sexo”⁸



Imagem 2 – o certificado⁹

⁸ A imagem 1 foi realizada pelo fotógrafo Felipe Martins.

⁹ A imagem 2 foi realizada pela própria pesquisadora no dia do evento.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos cursos da "faculdade do sexo" é possível notar como o corpo é construído em relações de consumo e espetáculo. No *workshop* "Pornô faça você mesmo" observa-se os requisitos estéticos para se produzir um corpo cuja imagem deve transmitir prazer, mesmo que o corpo não o sinta no determinado momento. O corpo, portanto transborda o sensível para constituir uma desejabilidade ideal.

O fato de se haver um workshop para ensinar práticas sexuais como o sexo anal e o sexo oral, demonstra o cientificismo e a dispersão do discurso do sexo por várias disciplinas, como Foucault (2014) mencionou em seus estudos. Nesse caso, a responsabilidade em dominar essas técnicas recaem nos visitantes da feira, que podem se especializar em tais assuntos por "apenas 10 reais". O certificado recebido ao final do workshop demonstra o caráter profissional das aulas e ainda respalda os indivíduos dos ensinamentos proporcionados pela "faculdade do sexo". Sendo assim, vemos como o estande da safada.tv se constitui como uma ferramenta para que os visitantes otimizem seu prazer.

É interessante ressaltar que esse artigo constitui parte de uma pesquisa maior realizada em torno do material coletado na Erótika Fair 2016. Os temas aqui propostos podem ser analisados de diversas maneiras, porém foram dispostos dessa forma para responderem de que forma o evento nos auxilia a compreender o corpo e a sexualidade na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.



CAMARGO, Francisco Carlos; HOFF, Tânia Márcia Cezar. **Erotismo e mídia**. São Paulo: Expressão e Arte, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREIRE FILHO, João; COELHO, Maria das Graças Pinto. **A promoção do capital humano: mídia, subjetividade e o novo espírito do capitalismo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas, SP: Papirus 2008.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade**. Petrópolis, RJ: Vozes: 2011.

SIBILIA, Paula. Em busca da aura perdida: espetacularizar a intimidade para ser alguém. In: ANTOUN, Henrique (Org.). **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

SIBILIA, Paula. **O corpo como máquina: da normalização à otimização**. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=120&id=1462>. Acesso em 16/05/2016.

SIBILIA, Paula. **O homem pós orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: CORBIN, Alain; COURTIN, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História do Corpo 3: as mutações do olhar: O século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TEIXEIRA, Francisco J.S; DE OLIVEIRA, Manfredo Araujo. **Neoliberalismo e reestruturação produtiva: as novas determinações do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.